



O TEMPO E O MODO

NOTA DE ABERTURA

Duas colaborações de amigos nossos do estrangeiro abrem este número 68 de O TEMPO E O MODO: um artigo de visão geral sobre a situação política em Espanha de Amadeo Cuito e um artigo da socióloga francesa Martine Sudre, que nos escreve de S. Francisco, acerca da importante experiência que é o Peace and Freedom Party americanp. O primeiro reflecte uma determinaca visão que dentro dos limites ideológicos em que o seu autor se coloca nos pareceu interessante propor à discussão; o segundo parte donde nos situamos para detector algumas razões de esperança para uma evolução que nos diz respeito.

O cerne do número vem a seguir com a homenagem a Rosa Luxemburgo, assassinada há cinquenta anos. A « guia » como lhe chamou o autor do *Materialismo e Empiriocriticismo* é evocada num artigo de António Reis na *Autologia*.

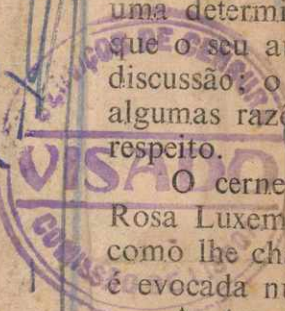
A *Actualidade Critica* contém, além do já habitual *Filme dos Acontecimentos* notas sobre os Congressos dos P. C. Italiano e chinês, sobre um certo olhar dialéctico lançado sobre uma certa China e sobre o Biafra. ~~Fecha com um documento para o qual chamamos particularmente a atenção do leitor: o questionário dirigido a Mons. Iyon Illich pela Congregação para a Doutrina da Fé~~

Dois ensaios separam esta secção das *Artes e Letras*. Assinam-nos dois nomes que dispensam apresentação: Joel Serrão e Adolfo Casais Monteiro. Fala-nos o primeiro autor de problema de ética; o segundo é mais uma abordagem da obra de Fernando Pessoa.

Nas *Artes e Letras*, além dos habituais críticos, chamamos a atenção para um excerto do novo romance de Almeida Faria, para os poemas de Ruy Belo e Fienia Hasse Pais Brandão e para a interpretação estruturalista de José António Meireles do debate sobre a língua portuguesa recentemente ocorrido na Assembleia Nacional.

Em autorizações infusa, caso é óbvio. As memórias de autorizações para os escritos a que se referidas

SEMPRE EM CONFORMIDADE COM O COMISSÃO DE CENSURA



Mantido
o carte

SERVÍCIOS DE CENSURA
CORTADO

SERVÍCIOS DE CENSURA
COMISSÃO DE LISBOA
VISADO

O TEMPO E O MODO

QUESTIONÁRIO «ILlich»

Nota — Noticiaram os jornais do passado mês de Janeiro que o Cardeal Seper, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício) tinha assinado um decreto que proibia aos padres, religiosos e religiosas a participação nas actividades do Centro Intercultural de Documentação (CIDOC) fundado e dirigido por Monsenhor Ivan Illich, em Cuernavaca, no México. Essa decisão foi precedida dum inquérito, cuja peça central é um questionário a que Mons. Illich se recusou a responder e sobre o qual se recusou a guardar segredo. E esse questionário que publicamos integralmente, de seguida, sem comentários...

Transcrevemo-lo da revista La Revue Nouvelle que dele dá uma tradução tão exacta e literal quanto possível. Em certos casos, manteve-se a palavra ou o texto integral em latim ou em italiano, para permitir ao leitor controlar a interpretação.

— Em referência ao que este Santo Dicastério escreveu em carta de 14 de Dezembro de 1967 a Sua Excelência Reverendíssima, o Bispo Maguire: «Si insuper D. Illich se gravarum senserit, relictæ urbe Cuernavacensi personaliter compareat coram hac Sacra Congregatione rationes suas allaturus» (Se, ainda por cima, Mons. Illich se sentiu ferido, que venha de Cuernavaca e compareça pessoalmente perante esta Sacra Congregação para defender a sua causa) e constatando que, cada vez mais, a pessoa, as ideias e as obras de Mons. Illich continuam a ser, por quase todo o mundo, objecto de curiosidade, espanto e escândalo, foi consequentemente decidido com inteiro fundamento e confirmado com autoridade, a 28 de Fevereiro e 1 de Março de 1968 que «Dominus Illich vocetur Romam ac in Hac S. Congregatione ei fiant contestationes circa omnes accusationes contra eum deductas quam citius» (Que Mons. Illich seja chamado a Roma e que seja aberto nesta Sagrada Congregação um processo a propósito de todas as acusações formuladas contra ele, o mais depressa possível)

— Tendo sido designado e nomeado Juiz Instrutor, como os poderes competentes dele aferentes para a audição judicial, com toda a minha humana

SERVÍCIOS DE CENSURA
CORTADO

compreensão e com zelo sacerdotal para a verdade na caridade, proponho discretamente que o interessado seja submetido ao seguinte interrogatório formal.:

Questões preliminares e gerais

1. Nome e apelido — Origens familiares e nacionais — Curriculum vitae e estudos post-sacerdotais — Actividades pastorais e sociais desde que foi ordenado até 1960.

2. É exacto que a partir de 1960, principalmente sob a influência dominante do beneditino e psicanalista, P. Lemercier e graças ao apoio incondicional do Bispo de Cuernavaca, D. Mendez Arceo, se deu em si, que dizem ser dotado de carismas, um perigoso desenvolvimento geral de ideias novas e de tendências dissolventes humanitárias e libertárias, em prejuízo da doutrina e da disciplina eclesiástica? —

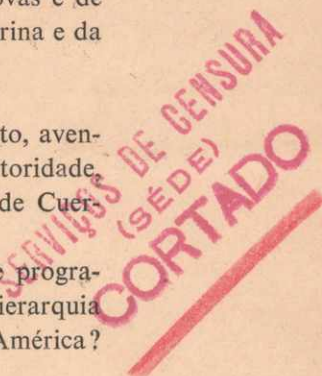
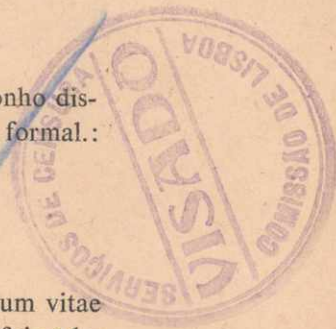
3. Que tem para responder aos que o apresentam como «inquieta, aventureiro, imprudente, fanático e hipnotizador, rebelde a toda a autoridade, aceitando e reconhecendo apenas a autoridade do Bispo diocesano de Cuernavaca»?

4. É exacto que pretende, na Igreja, um «diálogo» unicamente programado e imposto pelo clero progressista? Porque é que julga que a hierarquia da Igreja latino-americana está ao serviço dos Estados Unidos da América?

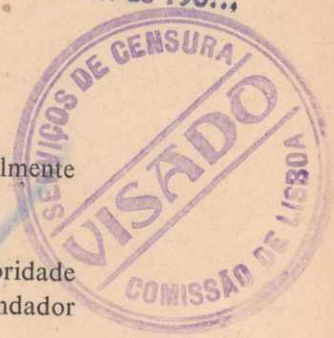
5. É exacto que, através de artigos, entrevistas, atitudes teóricas e práticas ambíguas, simpatias pessoais pela esquerda política e social de todo o mundo, mórbida compreensão para com ex-religiosos ou ex-sacerdotes, tenha provocado grave confusão nas almas e nas consciências, principalmente assimilando o marxismo ao cristianismo e colocando em pé de igualdade o clero paroquial celibatário e os diáconos casados?

6. É exacto que as diversas publicações do CIF (Centro Intercultural de Formação) e do CIDOC (Centro Intercultural de Documentação) acolham fácil e frequentemente, de bom grado, artigos de propaganda comunista e comentários qualificados das religiões em geral e do pensamento protestante e anti-católico em particular?

7. É exacto que a Instituição de Cuernavaca se tornou uma simples «associação» civil constituída e dirigida por diferentes pessoas que tem tarefas



Provas enviadas à Censura em
11 de 4 de 196..?



diversas e fins puramente laicos e é exacto que essa associação é totalmente autónoma de qualquer ingerência eclesiástica?

8. Porque é que e como é que a instituição foi subtraída à autoridade diocesana? Qual é a posição jurídica actual do CIF, de que V. R. foi fundador e do CIDOC de que V. R. é director, em relação à igreja Católica?

8. É verdade que nas instalações do CIF e do CIDOC, nos quartos particulares das raparigas, hóspedes ou empregados há reuniões e recreações, durante a noite, com a presença frequente de padres e religiosos?

10. Como, porquê e com que resultados foi decidida e concluída a visita a Cuernavaca do «Paddin-Gera» (Chefe de seita brasileira).

11. Quais as suas relações com o falecido Cardeal Spellman, com a Fordham University e com a Universidade de Porto-Rico?

12. Com que fins específicos, com que meios e auxílio financeiro foi fundado o CIF em Cuernavaca?

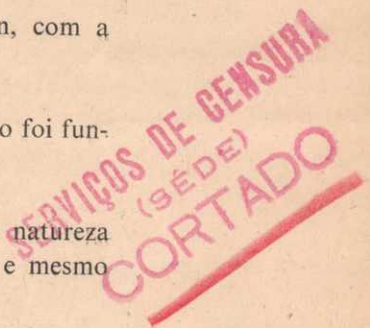
13. Quais foram as suas relações originárias e sucessivas, de natureza jurídica e social, com o Bispo Mendez Arceo, com o Padre Maza e mesmo com o Arcebispo da Cidade do México?

14. Como, quando, por quem e para quê foi organizado e autorizado o CENFI em Petrópolis, no Brasil, e quais as razões porque esta foi confiada a Mr. Cabron, que era reitor do Seminário Maior de Tegucigala nas Honduras?

15. Abstraindo da polémica ulterior e recente com o Cardeal Cushing e das suas ideias acerca da concepção colonialista da caridade, que contribuições económicas lhe foram dadas por pessoas ou instituições americanas ou europeias? Porque é que, mais tarde, quando outros auxílios em homens e meios lhe foram propostas para o apostolado missionário, V. R. os recusou como tendenciosos, tanto sob o plano humano quanto sob o plano político?

16. Porquê, como e quando começaram as suas relações intelectuais e de amizade com chefes conhecidos dos movimentos políticos internacionais, principalmente com Luis Alberto Gomez de Sousa e com o falecido)Che) Guevara?

18. Esteve por acaso (*Ha avuto forse leiç* implicado na prisão de S. E. Ca-





sariego na Guatemala e pode porventura dizer se nela houve uma influência directa ou indirecta do CIF ou de amigos e simpatizantes dessa obra?

19. Que tem para nos dizer sobre a vida e as ideias sociais do Padre X e do seu casamento civil, concluído de forma sacrílega a 26 de Agosto de 1967 com X, religiosa do Instituto do Sagrado Coração de Maria, que já tinha tomado fotos perpétuos?

20. Que tem para nos dizer acerca das opiniões e comportamento de... (Não reproduzimos os nomes que se seguem — N. do T.).

21. Que juzo moral lhe merece o caso do famoso desvio do celeberrimo Camilo Torres Restrepo? Porque é que pensa que a Igreja agiu mal quando o denunciou pelas suas ideias bélicas e revolucionárias?

22. Como é que classifica os desvios doutrinários do Padre X da Colômbia e do Padre Y do Perú?

23. Que pensa do escândalo provocado entre os religiosos pelas nova e inadmissíveis ideias do Padre X durante o famoso curso I, S. P. L. A. (Instituto de Pastoral de Quito).

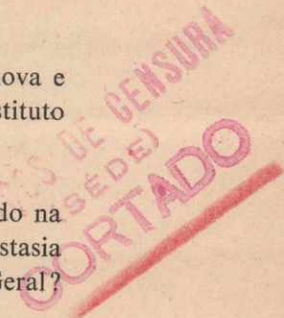
24. A que título e por que razões X, apóstata da religião, implicado na guerrilha na Guatemala, se pode servir do CIDOC para defender a sua opositasia e para responder impunemente às censuras canónicas do seu Superior Geral?

25. Que pensa das ideias de padres modernos, revolucionários e guerrilheiros da América Latina, que afirmam que se o católico não é revolucionário e não está com os revolucionários, está em estado de pecado mortal?

26. Quais são as suas relações com Julião, do Brasil, com o P. Del Corro e com a Senhorita Olivieri, colaboradora de Camilo Torres?

27. É exacto que para si a Igreja Católica na América Latina é um misto de superstição e de anarquia, um supermercado de lucros e que, para se protegerem, padres e religiosos agem apenas por dinheiro, quer)baptizando as crianças sem razão (texto incerto, má fotocópia)(quer obrigando as crentes a comungar com frequência e a fazer devoções à Virgem Maria, quer exigindo esmolas importantes e regulares?

28. Que pensa do nacionalismo dos Estados, do marxismo internacional e do catolicismo, a propósito da ordem religiosa, política, social e económica



Provas enviadas à Censura em
11 de 4 de 196.9



do mundo?

28. (sic) Que pensa da coexistência pacífica entre o mundo oriental e o mundo ocidental e do comportamento da Igreja para salvaguardar e incremento da religião católica? Que pensa do direito, da liberdade e da salvaguarda da personalidade de todos, dos deveres de renúncia evangélica e de mortificação para cada um na vida em comum necessária à humanidade?

29. Que entende por «diálogo» e como pretende que ele se processe entre concepções políticas e religiosas diferentes e discordantes? Será que o considera em pé de igualdade, mesmo em questões de fé, lei e costumes?

30. Pensa que aquilo a que chama «Aggiornamento conciliar» deva ser divergência, contradição e luta contra o passado e contra a doutrina tradicional da Igreja Católica?

31. Quais as actividades no campo da edição e quais as actividades sociais actuais do CIF e do CIIDOC? Porque razão, por quem e quando foi subtraído ao CIF o centro latino-americano de Pastoral pedido pela autoridade eclesiástica?

32. É verdade que faz parte da Comissão de Estado de Porto Rico para o controle dos nascimentos e que aconselha e recomenda da paróquia e em conversas com leigos e amigos o uso de pílulas contraceptivas?

33. Que pensa das exibições, tantas vezes fanáticas e sugestivas, de certos sacerdotes que por um lado exageram querendo parecer pobres e necessitados e por outro lado fomentam, por reacção religiosa e social, uma luta desenfreada para a obtenção de bens materiais, em atitudes que frequentemente contrastam com a lei divina da penitência e da mortificação?

34. Pensa que há colaboradores desse género no CIF e no CIDOC e entre os seus colaboradores e colegas de trabalho e de ministérios?

35. É igualmente opinião sua — na esteira de calúnias de outros — e em caso afirmativo, como e porque é que a tem que o 3hefe da Igreja Católica vive num sumptuoso palácio de mil divisões? Que pensa das exigências financeiras e temporais da Igreja, que vive no mundo, para o culto, para as suas instituições religiosas, para as suas diferentes finalidades culturais, de formação das almas e de caridade — assistência e ajuda social?

Serviços de Censura
(SÉDE)
CORTADO

Questões e problemas especiais

Conforme a denúncias ou acusações e aos resultados dedyzidos do estudo dos escritos de Illich e dos seus actos.

A. Opiniões perigosas

1. Que pensa do sacramento e dos sacramentos? Como quer que sejam administrados? Por quem? A quem? Quando? De que modo?

2. Que pensa das disciplina jurídica do Sacramento da Penitência e como deseja a «confissão dos fiéis»?

YY?? 3. É exacto que pretende que a confissão «particular e auricular» seja abolida?

4. Que pensa do pecado «original» e do pecado «actual», do Inferno, do Paraíso e também do Limbo?

5. Que pensa da virtude sobrenatural da castidade em geral e da castidade do clero em particular?

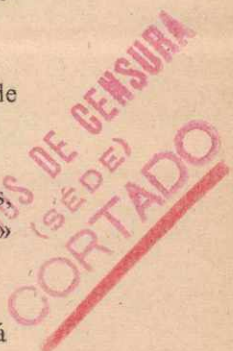
6. É exacto que sendo a Igreja, na sua opinião, um povo de pessoas iguais, a festa e a devoção ao Cristo-Rei são para si um erro, porque «Bom Pastor» é a única designação que convém a Cristo?

7. É exacto que para si a Missa é apenas Comunitária e que se não há assistência não se pode celebrá-la?

8. É exacto que para si o sacerdócio é apenas um magistério comunitário e que, consequentemente, o padre não pode celebrar svzinho ou para pessoas particulares? É exacto que para si a Santa Missa celebrada perante uma só pessoa não tem valor e que dizer três Santas Missas é um comércio e um escândalo?

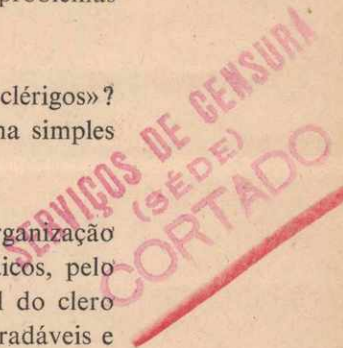
9. É exacto que nega a «coredenção» de Nossa Senhora e que acusa a Igreja de se entregar à propaganda de milagres para fazer e fabricar Santos?

10. Que significa a sua expressão «Padre-inspektor-de viagem ou presidente de reuniões semanais dos diáconos?» Que significa a substituição da «paróquia» pela «diaconia»? Será por acaso sua ideia que a vida conjugal dá maior serviço aos irmãos na Igreja?



B — Ideias erradas contra a Igreja

1. Porque é que chama à Igreja uma «senhora da alta sociedade» que dá esmolas? Que pensa da obra «missionária» da Igreja no presente e no passado e como é que a interpreta?
2. Pensa que os bens materiais devem ser excluídos do conjunto dos meios da vida religiosa e apostólica, particularmente no mundo e na América Latina, pelo menos com auxílio às pessoas e para fazer face às necessidades da vida?
3. Que quer dizer por «Igreja estrangeira» nas Nações e na América Latina e porque é que diz que a voz dos missionários, mesmo que sagrada, é sempre estrangeira e que com a ajuda que dão, se limitam a encarar os problemas do exterior, não podendo, conseqüentemente, resolvê-los?
4. Que quer dizer com a expressão «A Igreja é formada por clérigos»? Pensa talvez que a Igreja se deve considerar e comportar como uma simples instituição humana e social, contingente e laica?
5. É exacto que se opõe ao ensino tradicional a propósito da organização hierárquica da Igreja? Quer uma Igreja dirigida e presidida por laicos, pelo menos nas funções litúrgicas? Quer mudar a estrutura institucional do clero e dos fiéis afim de tornar o ministério e os serviços eclesiais mais agradáveis e menos fatigantes? Afirmou que era necessário criar um ministério de leigos ordenados?
6. Nega a distinção entre Igreja docente e Igreja discente, entre os Pastores e as ovelhas no povo de Deus na terra?
7. Pensa porventura que a palavra de Cristo: «A seara é grande os operários são poucos» não tem valor, sobretudo hoje? Considera-a como um «canto de sereia»?
9. Que engende por «Igreja à espanhola» e por «caricatura» da Igreja Católica?
10. É exacto que pretende uma nova Igreja Católica, ou seja uma Igreja democrática, sem condicionamento ideológico, sem hierarquia, sem sacerdotes,



Provas enviadas à Censura em
11 de 4 de 1969

sem pastores?

11. É exacto que tenha sugerido — para os tempos modernos e para o futuro — uma Igreja de classe, unicamente formada por pobres e que — com a estrutura social da luta de classes — exclua os outros e combata a entrada dos ricos, distinguindo assim a Igreja do passado e a Igreja do futuro?

12. Pensa que a vida dos missionários, sacrificada para a evangelização dos povos, foi um erro?

13. Que entende por «burocracia eclesiástica» e porque é que chama à Igreja «Empresa de Deus» e «Supermercado do Senhor»?

14. Como é que pensa fazer desaparecer o mais depressa possível os departamentos técnico-sociais e como é que quer que sejam abolidos os trabalhos administrativos, religiosos e económicos da Igreja? Como pretende mudar as estruturas actuais do que chama os funcionários eclesiásticos?

15. Que entende por «Igreja revolucionária» e por «política e religião» na Igreja?

16. Quais são na sua opinião, o que chama os privilégios da Igreja na América Latina?

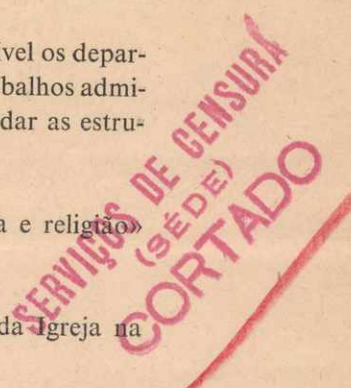
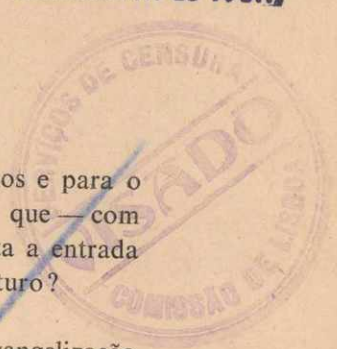
C — *Concepções insensatas (Sballate) acerca do clero na Igreja*

1. É exacto que considera os seminários como não necessários, ou até mesmo que os considera inúteis e perigosos?

2. É exacto que se tenha oposto ao que se chama clero tradicional» e «paroquial» e que queira padres novos; ou seja homens sem preferência por valores de ordem sobrenatural e sem se preocuparem com os perigos do mundo, as tentações ilícitas e os frívolos prazeres mundanos?

3. É exacto que, para si, as freiras que vivem em conventos são egoístas, que não servem para nada?

4. É exacto que se tenha oposto ao «celibato eclesiástico» tanto para o clero como para os religiosos? Como classifica o facto de aplicar o método psicanalítico às vocações sacerdotais e religiosas?



5. É exacto que considera que a vocação religiosa não é um ideal mas sim um problema humano: que não é um dom de Deus à alma, mas um meio pessoal de trabalho social e político na Igreja?

6. É verdade que coloca no mesmo plano conventos, casas de religiosos, campos de concentração, de destruição da personalidade e de trabalhos forçados? É exacto que deseja que só se admitam em tais locais os tímidos e os velhos, os doentes e os fracos?

7. Que quer dizer por: «o celibato eclesiástico, glória da Igreja ocidental será substituído no futuro pela fé e pela caridade?»

8. É exacto que para si os padres e feiras que são fiéis ao comunismo e a Castro dão testemunho de Cristo, enquanto que os outros padres e freiras se consagravam antigamente e se consagram ainda hoje a roubar em colégios para ricos?

9. É exacto que desconsidera *a priori* os valores religiosos e os conselhos evangélicos, a observância das regras conventuais e os votos de pobreza, castidade e obediência?

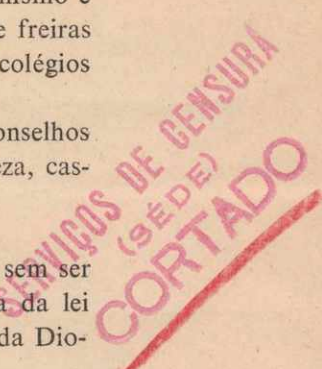
10. É exacto que tenha sido indicado o caminho do casamento, sem ser por motivos de vida ou de consciência, desviando-os da observância da lei do celibato, a vários padres e especialmente ao Padre X e ao Padre Y da Diocese Z?

11. É exacto que para si o padre é um «medianeiro» (?) (Texto incerto, má fotocópia) (entre Deus e os homens chamado pela Igreja ao serviço dos irmãos e que o «pároco» é um fantasma que deve desaparecer, quer a Igreja o queira, quer o não queira?

12. Quem são os Padres Baltasar Lopez, Segundo Galilea e Cassiano Floristan e que ideias têm eles acerca do celibato dos padres?

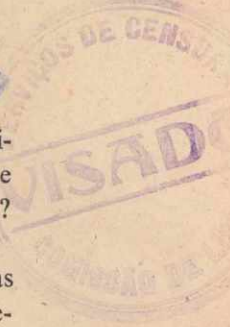
13. É exacto que seja seu hábito proclamar para o clero de hoje e para o de amanhã, o aparecimento de novas estruturas de assistência religiosa e social no mundo que façam tábuas rasas de todas as estruturas tradicionais e antigas?

D — Interpretações subversivas da liturgia e da disciplina eclesiástica



Provas enviadas à Consura em
11 de 4 de 1969.

1. É exacto que tanto o CIF como V., condenando o ritualismo tradicional e o moralismo eclesiástico, tenham provocado estranhas liberdades de ritos e de práticas, no que diz respeito ao espírito, à lei e às funções da liturgia?
2. É exacto que tenham sido consentidas em Cuernavaca numerosas experiências litúrgicas e que a Santa Missa tenha sido aí celebrada e concelebrada sem sotaina e em mangas de camisa?
3. Que entende por «supertição do culto eucarístico»?
4. É exacto que se tenha oposto à forma actual da Sagrada Comunhão sob uma só espécie, e que queira a Comunhão obrigatória sob as duas espécies?
5. É exacto que queira que a Missa seja celebrada em casa pelo pai de família, rodeado pelos filhos?
6. É exacto que defenda — apesar do prescrito pelo Cânon 856 do Código de Direito Canónico — que se pode receber a Sagrada Comunhão sem confissão, mesmo quando se está consciente de se ter cometido um peccato mortal?
7. É exacto que seja contrário à devoção para com a Santíssima Virgem e especialmente à recitação do Terço, ao culto dos Santos, à prática de exercícios espirituais, particularmente aos prescritos pelo método de Santo Inácio de Loyola?
8. É exacto que queira que as mulheres se possam confessar sem a «grade» do confessionário?
9. Porquê e com que bases se permite afirmar que a Igreja actual tem uma pastoral da magia dos ritos e não tem verdadeira pregação ética?
10. Julga talvez que a Igreja não deve continuar a ser, hoje, a casa de Deus e um lugar de oração e sacrifício, mas um ponto de encontro, de costumes folclóricos e de jogos cénicos populares?
11. Como classifica a disposição do Cardeal Garibi Rivera, segundo a qual padre algum pode ir a Cuernavaca, excepto em caso de grave necessidade, sob pena explícita de suspensão *a divinis*. incorrida *ipso facto*?



CONSURARIA DE CENSURA
(SEDE)
CORTADO

15
14

«O TEMPO E O MODO» N.º 68

Provas enviadas à Censura em
24 de ... de 1967



O ESTATUTO DA IMPRENSA*

Veio recentemente a público um debate efectuado, em Fevereiro de 1967, entre F. Pereira de Moura, Mário Neves, Rogério Fernandes e Salgado Zenha, sobre o Estatuto da Imprensa. Saliente-se, antes do mais, que os dois anos já decorridos em nada alteraram a justeza e validade da argumentação expressa e das soluções propostas. Passou, é certo, muita água pelo Tejo mas neste aspesto, como afinal em todos os que se não prendem com uma mera formalização, tudo se mantém como dantes...

Ao longo do diálogo (arriscamos a palavra) então travado e agora recolhido num volume de cento e cinquenta páginas, abordam-se alguns problemas relevantes cuja análise se considerou necessária para o esboçar de um Estatuto da Imprensa. Mas sistematizemos um pouco: O livro apresenta três partes distintas. Uma Introdução, muito breve, em que se situa e introduz o debate. Segue-se este; cerca de noventa páginas. Finalmente num Apêndice reúne-se a legislação referente à situação editorial.

SERVICIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

(*) F. Pereira de Moura, Mário Neves, Rogério Fernandes e Salgado Zenha O Estatuto da Imprensa. Cadernos de hoje 6, Prelo.

No debate, que constitui um todo sempre homogêneo, podem *isolar-se* partes distintas, e não independentes, o que corresponde, aliás, à correta orientação imprimida ao encontro. Assim como inicialmente colocados diante da *síntese da situação actual, do ponto de vista jurídico*, que além de situar o problema de modo descritivo, salienta alguns pontos de particular importância como, por exemplo: os escritos visados pela censura estão ainda sujeitos a sanções ulteriores; a repressão pode atingir as tipografias sem que o *escrito motivador da punição policial tenha sido incriminado por um tribunal*.

Em seguida faz-se a referência à *argumentação mais frequentemente invocada, ou principalmente invocada*, para justificar o regime de censura prévia. Para além da elucidativa síntese a que se chegou e que o orientador resumiu de modo claro — *depois de se ter verificado que a lei tentava ela mesmo justificar a Censura como forma de defesa da sociedade contra factores que a desorientassem, (...) impede-se (...) não apenas a divulgação de correntes de opinião (...) como a divulgação de factos* — para além da elucidativa síntese — escrevamos — é possível detestar perspectivas diferentes na abordagem do problema. Francisco Moura tenta uma compreensão da lógica interna do sistema e do regime numa óptica empírica — *Eu não sou jurista; mas quando as matérias de natureza jurídica me interessam, aço o possível por*



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

17
16

compreender as suas razões, e a lógica da lei, e noutro passo formula deste ponto.

Seguidamente o debate espraia-se em numerosos problemas que se prendem com a interdependência entre o regime de censura prévia e a asfixia e retardamento que provocam no desenvolvimento da comunidade. Culminam estas considerações numa questão que se nos afigura capital: a relação entre as empresas jornalísticas e os grupos económicos. Cabe aqui registar um testemunho de Mário Neves: *realmente sinto dever dizer que dum maneira geral a nossa imprensa não tem sido alvo dessa pressão económica, por via empresarial, (...)*. Para além da coloração, não divergente no essencial, impressa a esta opinião pelo orientador, permitimo-nos uma interrogação: não será a independência usufruída — em especial no referente aos quotidianos — proveniente da confiança dos

F. B.

nos — proveniente da confiança dos potentados económicos nos condicionamentos impostos à expressão e nos próprios quadros jornalísticos? Não é por acaso que existem correntes de opinião não permitidas.

Finalmente abordam os intervenientes no encontro as linhas orientadoras de um Estatuto da Imprensa. As opiniões são convergentes: garantir de modo pleno e responsável a liberdade de expressão.



SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

18
17

«O TEMPO E O MODO» N.º 68

Provas enviadas à Censura em
24 de 3 de 1967

«SEIS NOTAS SOBRE BIAFRA»

1. O primeiro embaixador português em Benim foi João Afonso de Aveiro. No ano da graça de 1484, uma pequena esquadra portuguesa chegou à foz do Níger, no intuito de estabelecer relações comerciais com a região — já anteriormente visitada por João de Santarém e por Pedro Escobar — e de obter informações sobre as rotas do Oriente. Se, a cinco séculos de distância,



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas enviadas à Censura em

24 de março de 1967

não é possível saber até que ponto a chegada à Etiópia e à Índia dependeu da chegada a Benim, é pelo menos seguro que os contactos comerciais foram frutuozos. A expedição fundou várias feitorias e entrepostos comerciais — em terminologia do século XX: abriu representações comerciais portuguesas no Golfo. E, como diria D. Manuel I, «ainda que o fim principal fosse servir Deus e agradar ao rei», os barcos portugueses cneheram-se de escravos, de cobre e de marfim...

Benim e os outros reinos Yorubas constituíam unidades políticas centralizadas, dotadas de culturas que, em termos sociològicamente pouco precisos mas sugestivos, poderíamos considerar evoluídas. «Or, la région qui nous occupe révele a l'observateur obiectif tout une civilisation prestigieuse — on a d'ailleurs su parfaitement le reconnaître pour piller les oeuvres d'art et les mettre dans nos musées. Et cette vie politique nous met en face de realités nationales aussi authentiques — sinon plus — que que celles que nous trouvons dans nos pays aux mêmes époques» (1).

O embaixador português percorreu toda a região, foi recebido pelos notáveis, visitou as cidades do interior e os portos e do mar, conheceu os delegados das potências africanas e asiáticas que mantinham relações diplomáticas e comerciais com os reinos locais. Permaneceu nomeadamente na cidade de Benim, onde foi recebido pelo rei e a quem entregou

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDEJ)
CORTADO

uma mensagem do Chefe do Chefe do Estqdo Português. A capital era, nesse final do século xv, uma cidade com cerca de cinquenta mil habitantes. Pelas obras de arte que chegaram aos nossos dias, nomeadamente pela bela cabeça de marfim conservada no British Museum, podemos imaginar Benim como uma cidade mercantil e burguesa; ponto de encontro entre os mundos não-europeus da época, uma Lisboa ou uma Goa de África. Uma cidade habitada, por certo, pelo prazer, pela ambição, pela glória e pela «crueldade» das sociedades para quem a História deixou de ser fria.

2. ... Assim, a tese ocidental, tantas e tantas vezes difundida, do subdesenvolvimento político (e não só) dos povos africanos nas eras pré-gâmicas é posta em causa no reino de Benim. Espiritos são fazem, a propósito da guerra da Nigéria, como de outras africanas guerras, alusão a rivalidades tribais que após a (precipitada) retirada ocidental teriam lançado a África no caos primordial. Porém, ao chegarem à foz do Niger, como aliás ao atingirem o Congo, os portugueses não depararam com tribos dispersas de bons (leia-se: maus) selvagens, vvegetando em plena idade da pedra, degladiando-se e devorando-se mutuamente. Penetrando no continente negro, os europeus depararam, em alguns casos, com unidades políticas estaduais, nos outros com tribos — nações dotadas com unidades pxlíticas estaduais,



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

21
20

nos outros com tribos — nações dotadas de estatutos políticos e sociais precisos. Nos primeiros como nos segundos, a ocupação europeia e a definição das zonas de domínio de cada uma das potências ocidentais, processou-se com o mais olímpico dos desprezos pelas entidades políticas autóctones. Malinowsky, no prefácio à «*Sexualidade e repressão entre os povos primitivos*», obra escrita nos anos trinta, chama a atenção para quanto é perigoso — em última análise, acautela o sociólogo, para o próprio poder colonial — introduzir brutalmente elementos sociais estranhos na sociedades ditas primitivas, e fazer tábua rasa de estruturas e instituições edificadas ao longo de séculos. Os contributos de Malinowsky chegavam tarde, porém. Na falta de sociólogos, de antropólogos e de cientistas sociais que só no século xx começou a produzir em quantidades industriais, a partilha da África pelas (e entre as) grandes potências processou-se *manu militari*. Na conferência de Berlim e noutras, o bolo foi repartido não sem que pequenas e grandes guerras proporcionassem ao festim apropriada música de fundo.

As rivalidades tribais dos europeus (quem diria?) destruindo a obra dos portugueses conduziram pois à divisão da África em zonas de dominação de cada uma das grandes potências artificialmente e violentamente enxertadas no contexto político e social dos povos africanos.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

3. Na Nigéria como noutras bandas.

Nas margens do Niger, três grandes grupos étnicos assentaram raízes desde os primeiros séculos do actual milénio: os Yorubas, os Haussas e os Ibos.

Os Yorubas, fixados a Sudoeste, possuíam desde o século x³, uma civilização de carácter urbano, com instituições políticas de tipo estadual. Talvez vindos do alto-Nilo, edificaram grande número de cidades Ibadan e Ifé chegaram aos nossos dias — e introduziram na região do § Niger a técnica egípcia da fabricação e moldagem do bronze. A arte Yorubadum naturalismo exemplar, dá conta de uma civilização burguesa, dominada por uma middle class» abastada.

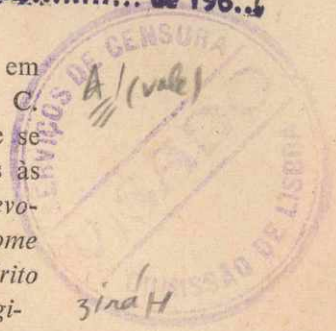
Os Ibos, agrupados em cerca de trinta tribos, fixam-se no sudoeste. As instituições dos Ibos — família, aldeia, clan — assentavam então, e assentam hoje, em bases democráticas.

No Norte, os Haoussas, islami- zados a partir do século x^{3v}, forma- vam, quando os portugueses atingi- giram o Niger, uma confederação de estados. Povo de agricultores e de pastores, fixado num território inó- pito, organizou-se ao longo dos séculos em estruturas de tipo feudal. O poder político assenta nos chefes locais, pequenos-grandes senhores que entre si estabelecem, desde o século x precárias confederações.



SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

tural em Yu, o Grande ou em Huang Ti, que no século III a. C. queimou todas as obras em que se podiam encontrar ideias opostas as suas. Diz R. G. a págs. 180: «A revolução cultural, organizada em nome do socialismo científico e do espírito proletário não conduziu ao ressurgimento das mais supersticiosas crenças do passado?»



10 É ainda ancorado nessa mesma perspectiva que R. G. estigmatizará o voluntarismo dos dirigentes chineses — herdeiro do confucionismo e de outros ismos orientais, «perdendo o contacto com a realidade objectiva e virando as costas ao materialismo e à concepção científica do mundo» (pág. 155).

2 — Por outro lado, o propósito que anima R. G. ao abordar a questão chinesa é típico num autor que se evidenciou pelas suas magníficas intenções dialogantes — «Possa este ensaio contribuir, também neste plano, à passagem do anátema ao diálogo» (pág. 12). Isto é: se o diálogo é possível, desejável e praticável com socialistas, democratas e cristãos, porque não o será com esses longínquos e pobres chineses cuja fé marxista é duvidosa e que estão certamente mais próximos dum passado preñado de asiáticos superstições, que dos amanhãs cantantes do socialismo?

1a

3 — Assim ideológica e sentimentalmente armado — com uma pers-



«O TEMPO E O MODO» N.º 68

Provas enviadas à Censura em

7 de Abril de 1967

SERVÍÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

«Laissons la peur du rouge aux animaux
a cornes».

de uma parede de Paris, durante o
Maio das barricadas

(1) Outras esquerdas parlamentares, embora o P. S. U. não tenha conseguido eleger em Junho nenhum deputado.



A PREGUIÇA: *Espectáculo para os Qniversitários*

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

a) *Viva Solnado!*: — estreou *A preguiça* de Tallesnik, peça que, segundo críticas e referências de vsria ordem nos jornais, não era só para rir, como *A Flor do Cacto*, era também para fazer pensar. Viva! O teatro ao serviço da contestação!

— convidou (de graça) os estudan-

qua, aliqua, qua, qua, chiribiribi
tá tá tá tá, chiribiribi tá tá tá tá,
URRAH! URRRAH! URRRAH!
Palmas.

d) *Solnado zangado.*: «Vamos
agora conversar, discutir, O teatro
precisa da inteligência dos Univer-
sitários!» Toda a troupe, em cena
aberta.

— Tratar-se-á só do problema d a
preguiça!

Solnado: «Não, é também a
questão da sociedade de consumo:
A revolta contra a engrenagem de
que este homem é uma peça.»

A partir daqui se demonstrou que
com papas e bolos só se enganam os
tolos. Dois incómodos estudantes
resolveram não gostar de tal contes-
tação. Compararam a preguiça da
pequena burguesia nesta peça com a
angústia da grande burguesia nos
filmes de Antonioni: a mesma função.
Acharam a peça fortemente reaccio-
nária e ainda por cima a fingir que
não: a preguiça é revolta! Solnado
e a sala fiel zangaram-se. «Não metam
a política onde não é chamada, isto
é apenas social.» «Fora com esses
tolos», pensavam, mas não diziam.
Era um colóquio.

Adiante: Dois outros estudantes
falaram então da pornografia, da
pornografia no segundo sentido. Gar-
galhadas fortes da fiel sala, oronias
de Solnado. E aqueles primeiros estu-
dantes voltaram a não gostar. Disse-
ram que o que era feio não era qual-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Provas enviadas à Censura em
24 de março de 1969

quer palavrão ou obscenidade no palco. Era sim, e profundamente desonesto, o processo, utilizado constantemente, que consiste na preparação do tal segundo sentido obsceno de determinada frase ao longo de toda uma cena, obrigando à força o público a rir-se de tal coisa. Solnado voltou a enfurecer-se e com ele a sala fiel. «Que vêm os senhores fazer ao teatro?! Fiquem em casa!» Correu mal o colóquio. Solnado resolveu parar. F-R-A- da sala fiel. Pateada da sallinha não tão fiel como isso.

e) *Viva «A Flor do Cacto»*: Foi pena Raul Solnado ter metido o nariz onde não era chamado... Ah, era truque publicitário... Então porque não disse?! Passava a estar tudocerto e a voltar à honestidade que lhe conhecíamos. Assim somos obrigados a gritar: Viva, viva, a *Flor do Cacto!*

L. M. C.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

TANGO DE SLAWOMIR
MROZEK, EM LISBOA.

Fazer agora a crítica ao primeiro espectáculo desta temporada do Teatro Nacional D. Maria II — *Tango* de Slawomir Mrozek* parece-me de grande inutilidade:

Uma crítica aqui não servira já para mandar que toda a gente fosse ver o espectáculo (já todos os leitores de *O Tempo e o Modo* o viram ou sabem que o devem ver, e mesmo que

(*) Estreado, em tradução de Fernando Fragoso, com encenação de Varela Silva e cenário de Lucien Donat, no teatro Capitólio, a 00 de 00.



49
48

Provas enviadas à Censura em
24 de 3 de 196..7



em vez da que eles próprios tinham elaborado, provavelmente por isso, começou a generalizar-se através de todo o estado a seguinte declaração:

«O nosso governo não tem qualque direito moral ou legal para estar no Vietnam. Neste momento meio milhão de jovens americanos lutam e morrem no Vietnam. O Governo diz que eles se devem aí manter até que o inimigo concorde em negociar—e talvez ainda até mais tarde se o inimigo não concordar connosco na mesa das negociações.

Acreditamos, em primeiro lugar, que os E. Q. nada têm a fazer no Vietnam, nada têm a fazer no Vietnam neste momento e devem sair de lá. Só conseguimos sair do Vietnam, repudiando a presente armã de governo que nos compromete sem o nosso conhedimento e contra os nossos interesses: Qma vez abandonado o Vietnam poderemos restabelecer a posição moral do nosso país no mundo das nações livres, retirando todo o potencial militar americano, duma maneira calma e ordenada».

Mais à frente, há uma declaração acerca do poder negro que diz:

«Neste momento, a mais importante e impressionante luta pela Paz na América, é a luta do poder negro. A maior parte dos nossos antepassados vieram para aqui como imigrantes voluntários à procura duma vida melhor, desejando manter aspectos da sua cultura nativa, embora adaptando-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉ DE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Provas enviadas à Censura em
24 de 3 de 1959

se rapidamente à vida americana. Os negros vieram para aqui acorrentados, traídos à oréa como escravos, despoitados oréosamente da sua cultura nativa e proibidos de assimilar da cultura americana tudo quanto n7o fosse o que lhes permitiam os seus senhores. Agora os negros, que ao longo da maior parte da história Americana nunca tiveram poderes, começaram-se a organizar sob o slogan «black power» preparando a sua autodetêminação dentro das suas próprias comunidades. Nós apoiamos os seus esorços nesse sentido».

Estava firmemente desenhada a linha que separava os anteriores partidos do *Peace and Freedom Party*.

Inicialmente, muita gente concebeu o *Peace and Freedom Party* como uma manobra para conseguir um terceiro candidato presidencial às urnas no Estado da Califórnia, mas a intensidade da inscrição fez surgir a ideia de um novo partido. Sabia-se agora que o *Peace and Freedom Party* se propunha não só a Presidência mas também lugafex no Senado dos E. U., no Congresso, na Assembleia de Estado e em toda a parte onde tiver força.

Durante os meses de Fevereiro a Março, os responsáveis activos da campanha, tentaram vigorosamente organizar o maior número possível das 90.000 pessoas que se tinham inscrito, estabelecendo uma estrutura de partido aberto, democrático, a



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Provas enviadas à Censura em
24 de março de 1963

membros individuais.

Uma das mais importantes destas linhas de orientação política era o estatuto sobre os Assuntos Externos redigido nos seguintes termos:

«*Peace and Freedom Party* afirma o direito de todos os povos determinarem o seu próprio destino. Estamos empenhados numa mudança da sistemática exploração americana dos povos, quer económica, quer política, quer militarmente e, como consequência, opomo-nos à política externa de domínio que os E. U. exercem económica, política e militarmente sobre os assuntos das outras nações. Este domínio fez com que os E. U. sejam um dos maiores obstáculos para que os outros países consigam vencer a sua miséria e opressão e estabelecer para si mesmos uma existência assente na autodeterminação e dignidade.

O *Peace and Freedom Party* apoia a luta pela libertação humana, enquanto esta luta for necessária. Defendemos o direito de todos os povos explorados, de controlar os seus próprios recursos económicos e sistemas políticos num mundo de justa e estável satisfação e a contínua diminuição da ameaça e poder militar. A guerra no Vietnam não é acidental: é a consequência lógica dum imperialismo que implica a subordinação dos recursos, mercados e estruturas políticas estrangeiras, à necessidade americana de prosperidade e privilégios:



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

55
54
«O TEMPO E O MODO» N.º 68

Provas enviadas à Censura em
24 de março de 1963



Embora a nossa maior preocupação como americanos, seja a nossa política imperialista no mundo externo, e as guerras no nosso próprio país, opo-
mo-nos a condutas similares por parte doutras nações e pedimos o fim de todas as guerras agressivas. Pedimos ainda a imediata retirada de todas as forças armadas estrangeiras, do Vietnam.

Sob a pretensão de proteger o mundo do comunismo, os E. U. são apoio a regimes reaccionários através do mundo, contrariando desse modo as aspirações desses povos e mantendo-os numa situação de escravidão. Não há nenhuma possibilidade de mudança na política externa americana, enquanto existir o presente sistema dominado pelo complexo militar industrial, que é a origem do imperialismo que de tal modo, brutaliza as nações do terceiro mundo. O poder do capitalismo mo-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

nopolista tem de ser quebrado e substituído por um movimento de massa cujo interesse é ademocratização de todos os aspectos da vida americana e a realização das aspirações dos povos no mundo.

Atingir uma tão fundamental reestruturação não é fácil nem vai ser rápido, mas pode ser conseguido através de esforços persistentes e dedicados. A fachada da vida americana, mascara um sistema de exploração interna e externa contra a qual o povo dos E. U. e os povos de todo o mundo protestam enérgicamente. Articular esta luta e reunir os seus adeptos é um esforço digno do nosso trabalho, dos nossos sacrifícios e da esperança dos povos do mundo. É a única alternativa nos nossos dias».

Toda a política do P. F. P. rejeitou o presente sistema imperialista e pediu aos povos que controlem o seu destino em todos os níveis: «Poder para o Povo». Na comissão de trabalho sobre Economia, fez-se apelo à substituição do actual sistema económico americano por um outro baseado no control por parte do trabalhador, do local de trabalho, no planeamento democrático da economia e numa produção orientada para a satisfação das necessidades humanas, mais do que para obter lucros». Reconheceu-se que nenhuma alternativa será para a actual «estrutura do poder» é possível a menos que os trabalhadores viessem a constituir a base dessa alternativa e afirmou-se a crença



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

no controle do trabalhador sobre a introdução da automatização; afim de fazer render o mais possível os seus benefícios. Apoiou-se o poder estudantil e pediu-se que a Universidade se tornasse uma fonte de análise crítica social, que se desse ênfase à educação e desenvolvimento do indivíduo, em oposição a um treino e canalização do individual para a indústria; os estudantes e a faculdade deviam ter o poder de usar as facilidades da Universidade para se organizarem, deviam ter o direito de actuar politicamente na sociedade, sem serem punidos académicamente pelos seus actos. Condenou-se as Forças Armadas que eram usadas tanto interna, como externamente, para proteger e aumentar os privilégios de grandes indústrias, à custa do público, e para suprimir pela força qualquer tentativa para mudar este estado de coisas. Recusou-se que o povo fosse considerado como parte duma máquina, afirmando-se o desejo de que fossem as pessoas a controlar essa máquina; não se reconheceu o privilégio obtido com o poder do dinheiro.

O P. F. P. reuniu-se para tentar organizar-se aos níveis local, estadual e nacional, e para lutar tanto por um candidato à Presidência, como noutras campanhas locais para lugares oficiais. O P. F. P. estabeleceu na política americana uma única noção sobre a natureza da candidatura para um lugar político: o candidato deve reflectir o desejo do povo



SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM
CORTES

cido prepara durante quatro; cometeu uma série de erros mas os dirigentes aprenderam a lição e agora preparam-se para um trabalho espontâneo. Criando edições locais e tirando partido deles com o fim de desenvolver uma consciência política da população e torná-la consciente da necessidade duma mudança. É este o único caminho em que a «esquerda» pode trabalhar com êxito nos nossos dias; O autor de *Eros e Civilização* confirmou-o recentemente numa conferência realizada em Nova Iorque:

«Hoje não se pode ter um partido revolucionário centrado na mesa, não só porque o aparato de repressão é infinitamente mais poderoso e efectivo do que nunca como também e talvez ainda mais, porque a centralização nos nossos dias parece não ser o modo adequado de trabalhar numa troca mútua».

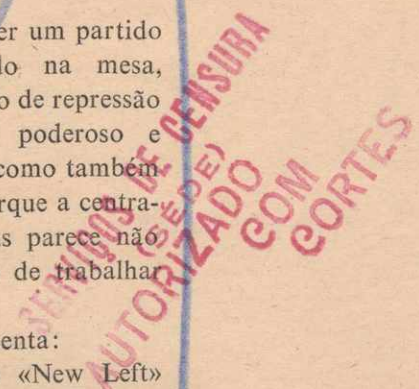
Mais adiante, acrescenta:

«Agora a força da «New Left» pode muito bem residir precisamente nesses pequenos grupos que contestam e competem, astivos em muitos pontos ao mesmo tempo, e o mais importante ponto concentrado ao nível das actividades locais».

Parece assim que o P. F. pode vir a ser um movimento que desem-

Parece assim que o P. F. P. pode vir a ser um movimento que desempenhará um grande papel nos próximos anos.

MARTINE SUDRÉ



66
65

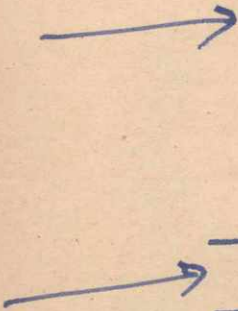
Provas enviadas à Censura em
24 de 3 de 1919

concepções de base em toda a sua vida: o anti-reformismo militante e a defesa da democraticidade na organização partidária e o internacionalismo. Afirmo Rosa Luxemburgo nesse relatório: «Um partido socialista que se apoia nas massas deve evidentemente defender as suas condições de existência, mas não deve nunca perder de vista na luta quotidiana o objectivo revolucionário a atingir. ~~As reformas não são mais do que etapas e posições de força na via que conduz à revolução social.~~ «No mesmo relatório, mostra-se adepta de um partido conspirador mas organizado democraticamente, capaz ao mesmo tempo de criar um movimento de massas ~~entre os trabalhadores~~ ocupando-se dos seus problemas económicos ~~e organizando greves~~ e de lutar politicamente pelo estabelecimento de liberdades democraticas, embora mantendo uma completa independência em relação a todos os partidos burgueses. Ao contrário da rival «União dos Socialistas polacos no estrangeiro», defende a separação entre o movimento operário e o movimento nacionalista para uma Polónia independente, sustentando que a conduta correcta dos socialistas da Polónia russa devia ser a de se identificarem com a luta dos trabalhadores russos e de todos os grupos nacionais da classe operária dentro do império russo, a fim de derrubar o csar por uma revolução internacional. Esta divergência de pontos de vista irá, aliás, provocar



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA
CONTADO



#1
70

Provas enviadas à Censura em
24 de 3 de 1967

une-se ao Partido Social-democrata e a outra baptiza-se de Partido Socialista Polaco Revolucionário. O partido social-democrata polaco afilia-se entretanto ao partido social-democrata russo.

Em Março de 1906, Rosa Luxemburgo e Jogiches são detidos em Varsóvia. Doente, Rosa consegue ser libertada. Preocupadas com a sua nacionalidade alemã, as autoridades russas deixam-na sair do país. Rosa vai para a Finlândia, onde escreve o seu livro «Greve de Massas, Partido e Sindicatos». Nesta obra, opõe-se tanto aos anarquistas, e esquerdistas que pretendiam desencadear a Revolução imediatamente a seguir à greve geral, como aos reformistas, para quem a greve só era possível a partir de uma organização prévia perfeita. Para Rosa Luxemburgo, a greve de massas tem como finalidade, não a Revolução imediata, mas a criação das condições económicas e políticas que torem possível a Revolução. Por outro lado, seria na própria greve que as organizações e os sindicatos se fortaleceriam, como o acabava de demonstrar a experiência russa de 1905. Ao Partido devia competir a direcção política (táctica e fim) e não a sua direcção técnica, que o próprio movimento espontâneo das massas se encarregaria de assegurar. Essa direcção política permitiria unir a luta económica e a luta política numa só luta — a luta de classes em período de acção revolucionária.



SERVIÇOS DE GENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

SERVIÇOS DE GENSURA
(SÉDE)
CORTADO



45
74

Provas enviadas à Censura em
24 de 3 de 1967.

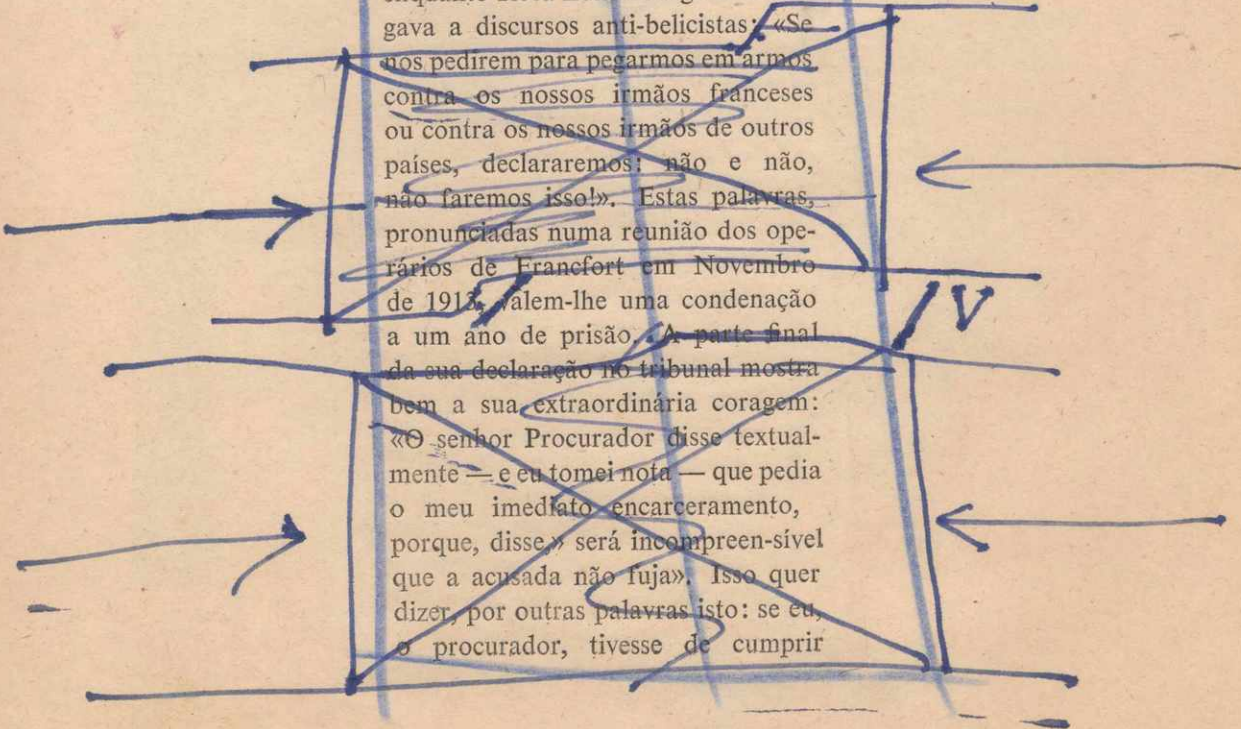


SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

razões já expostas, o erro dos primeiros e a falta de realismo dos segundos.

Entretanto, iam-se acentuando as divergências políticas entre o sector comanda- do por Kautsky e o sector comanda- do por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Kautsky recusa- se a publicar uma crítica de Rosa ao seu livro «Der Weg zur Macht» («O caminho para o poder»). Rosa rompe então com o «Neue Zeit» e funda um novo periódico: «Sozial- demokratische Korrespondenz,» cujo primeiro número sai em 1913. A apro- ximação da guerra vem acentuar as divergências entre Rosa Luxem- burgo e o Partido Social-democrata alemão. Este acabava de votar os créditos militares para a guerra, enquanto Rosa Luxemburgo se entre- gava a discursos anti-belicistas: «Se nos pedirem para pegarmos em armas contra os nossos irmãos franceses ou contra os nossos irmãos de outros países, declararemos: não e não, não faremos isso!». Estas palavras, pronunciadas numa reunião dos ope- rários de Francfort em Novembro de 1913, valem-lhe uma condenação a um ano de prisão. A parte final da sua declaração no tribunal mostra bem a sua extraordinária coragem: «O senhor Procurador disse textual- mente — e eu tomei nota — que pedia o meu imediato encarceramento, porque, disse, será incompreen- sível que a acusada não fuja». Isso quer dizer, por outras palavras isto: se eu, o procurador, tivesse de cumprir



Provas enviadas à Censura em

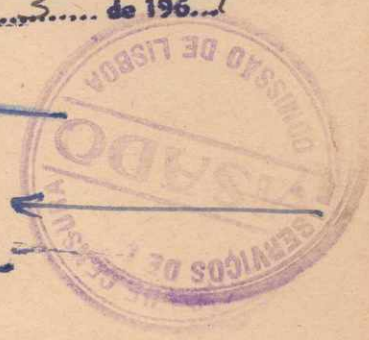
24 de 3..... de 196..9

46
75

um ano de cadeia, fugiria. Mas um socialista não foge. Responde pelos seus actos e ri-se das mesmas punições! E agora, condenai-me!».

Libertada pouco tempo depois por motivos de saúde, volta a ser encarcerada em Fevereiro de 1915 e permanece presa quase sem interrupção até ser libertada pela Revolução Alemã de Novembro de 1918. A sua atitude perante a guerra 14-18 mais não é do que a confirmação prática das opções internacionalistas que sempre defendera. Rosa Luxemburgo considerava o chauvinismo um grave obstáculo à solidariedade que devia existir entre as classes trabalhadoras dos diversos países. E mais ainda do que Lenine, considerava intimamente unidas e inseparáveis e luta pela autonomia nacional e a luta pela Revolução Socialista.

É na prisão que Rosa Luxemburgo toma conhecimento da vitória da Revolução russa de 1917. A sua reacção a este feito é extremamente lúcida. Por um lado não pode deixar de ver nele um passo decisivo para a vitória final do socialismo internacional: «Toda a honra revolucionária e toda a capacidade de acção que faltaram à democracia socialista no ocidente, estão presentes nos bolchevistas. A sua insurreicção de Outubro não só salvou efectivamente a Revolução Russa, como salvou também a honra do socialismo internacional». Mas por outro lado, Rosa Luxemburgo antevê já a futura «deformação» da Revolução, ao criti-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas enviadas à Censura em

24 de ~~março~~ 3 de 1969



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

car certos aspectos desta: Ao abafar-se a vida política em todo o país, é fatal que a vida venha a ser cada mais abafada nos próprios sovietes. Sem eleições gerais, sem liberdade ilimitada de imprensa, de reuniões e de discussões, a vida morre em todas as instituições públicas, torna-se uma vida aparente, em que a burocracia é o único elemento que permanece activo... A vida pública desapareceu pouco a pouco. Algumas dúzias de dirigentes do Partido, de uma energia inesgotável e de um idealismo sem limites, dirigem e governam: no meio deles, a direcção encontra-se na realidade concentrada nas mãos de uma simples dúzia de homens e uma elite escolhida na classe operária é convocada de tempos a tempos para as reuniões a fim de aplaudir os discursos dos chefes e votar por unanimidade as resoluções que lhe são apresentadas...». Estas palavras, extraídas da sua brochura «A revolução russa», constituem uma verdadeira visão profética do estalinismo. Aliás, quem já defendera com tanto ardor a democraticidade na organização do partido, mesmo quando este se visse obrigado a actuar clandestinamente, com muita mais razão haveria de defender essa democraticidade quando o partido em questão se encontrasse no poder. Repare-se, no entanto, que Rosa Luxemburgo não tem a intenção de atacar as medidas de defesa que a revolução é obrigada a tomar para se proteger dos seus inimigos. Mas

Provas enviadas à Censura em
24 de 3 9

48
74

embora seja necessário castigar os que, pelos seus *actas*, põem o regime em perigo, é, no entanto, inconcebível e pernicioso para a causa socialista querer triunfar das *ideias* adversas, abafando-as e mandando para a prisão os que as exprimem. Sendo o socialismo obra de uma classe de trabalhadores lúcidos e esclarecidos, não podem os trabalhadores adquirir essas qualidades senão na liberdade, que é sempre a «liberdade do que pensa de outro modo»: a liberdade política «perde a sua eficácia quando a «liberdade» se torna um privilégio».



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Em Novembro de 1918, rebenta a Revolução Socialista Alemã, desencadeada pelo grupo «Spartacus» que um ano antes se separara do Partido Social-democrata unindo numa organização própria todos os militantes que se opunham à linha reformista seguida por aquele Partido. Este acontecimento produz-se na altura em que, finda a guerra, o Partido Social-democrata acabava de conquistar a maioria parlamentar e se encontrava à testa do governo. Fiéis à sua linha reformista, os sociais-democratas unem-se então aos partidos burgueses numa Santa Aliança contra a minoria revolucionária que pretendia conquistar o poder pela força. Com o apoio do Exército, a Revolução é esmagada ao fim de pouco tempo. É sabido que Rosa Luxemburgo não era favorável à insurreição, em virtude do princípio democrático que sempre defendera

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

49
78

Provas enviadas à Censura em

24 de 3 de 1969

de nada levar a cabo «contra a maioria da classe operária». Sabia que os espartakistas representavam apenas ainda uma reduzida fracção desta classe. Mas quando viu ser impossível impedir o levantamento, receasse um desenlace fatal. E a 15 de Janeiro de 1919, é presa juntamente Karl Liebknecht num apartamento de Berlim, onde se escondera após a derrota da Revolução. Conduzidos ambos ao Hotel Eden onde estava instalado a sede do comando militar que procedera às suas prisões, Rosa e Karl são interrogados sumariamente pelo capital monárquico Pabst, um nacionalista que sempre odiara os dois chefes do internacionalismo revolucionário. Sabendo que o governo social-democrata, presidido por antigos companheiros de luta de Rosa e Karl, poderia usar de uma certa clemência para com estes, Pabst dá ordem à escolta, que devia conduzir os dois prisioneiros a outro lugar, para os abater. No decurso do trajeto, os dois prisioneiros são assassinados e o corpo de Rosa lançado a um canal.

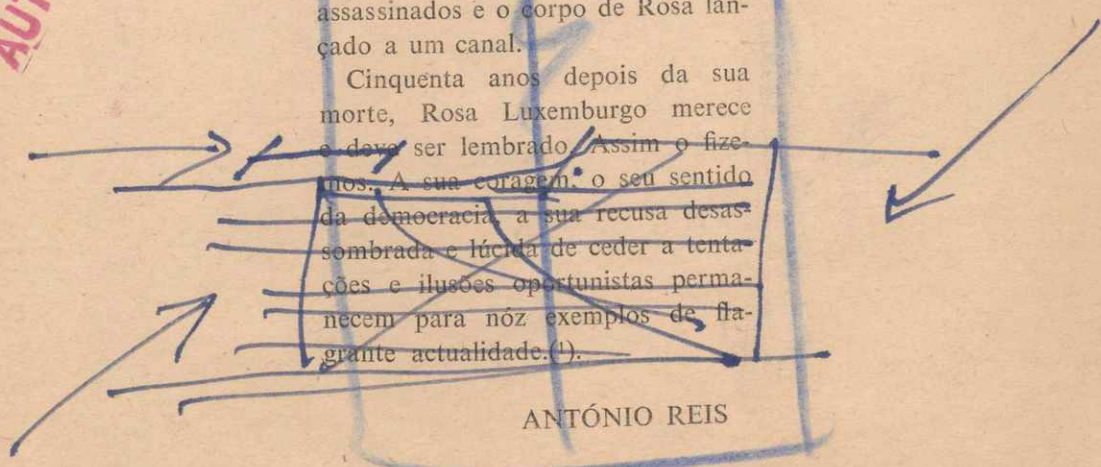
Cinquenta anos depois da sua morte, Rosa Luxemburgo merece o dever ser lembrado. Assim o fizemos. A sua coragem, o seu sentido da democracia, a sua recusa desasomburada e lúcida de ceder a tentações e ilusões oportunistas permanecem para nós exemplos de flagrante actualidade.(1).

ANTÓNIO REIS



SERVÍÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

SERVÍÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



80
79

Provas enviadas à Censura em
24 de 3 de 1969



O TEMPO E O MODO — NOTAS

() Para a elaboração destas notas, utilizamos fundamentalmente o capítulo dedicado a Rosa Luxemburgo por G. D. A. Cole na sua obra «The Second International» (Macmillan and Co., Londres), traduzida em espanhol sob o título «Historia del Pensamiento Socialista» (publicada pelo Fundo de Cultura Económica). As obras completas de Rosa Luxemburgo foram editadas em alemão por Clara Zetkin e Adolf Warski (1932-8). O estudo mais completo sobre Rosa Luxemburgo é talvez o de Paul Frölich: «Rosa Luxemburg, sein Leben und Werne» «Vida e obra de Rosa Luxemburgo» — publicado em 1940.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉ DE)
CORTADO